

## **TRABALHO E LAZER NAS LAVOURAS CAFEIRAS: O COTIDIANO DA CRIANÇA RURAL NAS CIDADES DE FRONTEIRA DE MATO GROSSO - (1960 – 1985)**

Carlos Edinei de Oliveira\*

No Brasil e em Mato Grosso os estudos sobre a história da criança são muito recentes, entretanto é oportuno registrar a história de crianças trabalhadoras rurais em sociedades que se organizaram após o Projeto Nacional de ocupação do Centro-Oeste denominado de marcha para oeste.

O texto apresentará o trabalho e o lazer de crianças nas lavouras cafeeiras em espaços de fronteira de Mato Grosso. Os municípios em análise, Barra do Bugres, Denise, Nova Olímpia, Porto Estrela e Tangará da Serra são todos da bacia do Rio Paraguai localizados na região sudoeste de Mato Grosso, território próximo da Bolívia. Porém, o conceito de fronteira aqui destacado, não se limita aos aspectos territoriais, mas contudo aos aspectos culturais, pois toda esta região foi e ainda é ocupada em larga escala por povos indígenas Umutina<sup>1</sup> e Paresí<sup>2</sup>.

Para compreendermos como as famílias e em específico as crianças chegaram após a década de 1960 nestes espaços devemos analisar os movimentos migratórios brasileiros de 1940 a 1950, desta forma percebemos que existiu um grande fluxo de nordestinos para São Paulo, especialmente após a construção da estrada Rio-Bahia; neste mesmo período, o Paraná recebeu um contingente populacional proveniente de São Paulo. Os paulistas migraram para o Paraná devido à política de colonização adotada pela empresa privada inglesa “Companhia de Terras do Norte do Paraná” e pela construção da estrada de ferro Noroeste, no norte do Paraná.<sup>3</sup>

De 1950 a 1960, o Paraná ainda continuou recebendo um número bastante expressivo de pessoas devido à colonização privada, mas parte da migração já se dirigia para Mato Grosso e Goiás. A transferência do fluxo migratório acontecia em virtude do declínio da produção do café, substituído por atividades que usassem menos mão-de-obra,

---

\* Mestre em História pela UFMT e professor da ITEC, UNICEN e UNEMAT.

como, por exemplo, a pecuária, e da construção de estradas que facilitaram o acesso à região Centro-Oeste, além de toda política da Marcha para o Oeste.<sup>4</sup>

Desta forma, as famílias que vieram para esta região em estudo foram motivadas pela esperança na posse da terra, seguiram a rota do café, mesmo que, quando chegaram no vale do Paraguai e de seus afluentes, tenham-se dedicado à lavoura branca, em seguida, prepararam-se para o plantio do café.<sup>5</sup>

Para Cassiano Ricardo<sup>6</sup>, os cafeicultores do oeste brasileiro são os *bandeirantes do século XX*; para ele, Mato Grosso foi um foco de atração das bandeiras modernas e o café, diferente de outros produtos, foi o responsável pela expansão demográfica e cultural:

A floresta e o cerrado mato-grossense foi dividido inicialmente em grandes propriedades denominadas glebas, depois requadradas em lotes de diferentes tamanhos. As famílias, motivadas pelas representações positivas do local, começam a povoar, individualmente ou em grupos, os lotes rurais.

As famílias que ocuparam este ambiente podem ser classificadas em proprietárias que eram a minoria e a maioria as não-proprietárias de terras, estas muitas vezes viviam na condição de agregados. As famílias proprietárias também eram proprietárias de área de terra na região de procedência, geralmente tinham uma área inferior a que compraram nestes municípios, sendo esse um dos aspectos que motivou suas mudanças.

Para garantir sua sobrevivência as famílias foram dedicar-se à lavoura, inicialmente, a roça de toco, a plantação de arroz, feijão e milho.<sup>7</sup>

O arroz, primeiro produto a ser plantado na região pelos lavradores. Após queima da mata, entre tocos feitos em carvão, homens, mulheres e crianças entre os meses de outubro e novembro, pulavam restos queimados da mata, para que, com suas matracas<sup>8</sup>, pudessem plantar o arroz, de diversas qualidades.<sup>9</sup>

Passados quatro meses de muita chuva, o arroz deveria ser colhido, trabalho que envolvia toda a família. Nos meses de fevereiro e março, aproveitando-se uma pequena estiagem, o arroz era amontoado em pilhas na roça pelos pais e crianças de ambos os sexos, aguardando um período maior de sol para ser batido. Estendendo uma lona no chão

da roça, ou dependendo dos poucos recursos da família, utilizavam-se sacos de algodão que, emendados, formavam uma grande *lona*. O arroz era batido para que depois pudesse ser levado à máquina para o beneficiamento e posteriormente a venda, caso houvesse sobra da produção. Algumas famílias mais abastadas podiam contar na colheita com o auxílio da trilhadeira, máquina usada para bater o arroz.

Em várias propriedades, a lavoura de arroz era consorciada com o feijão e o milho. O milho era plantado primeiro que o feijão, na mesma roça. O milho era plantado em setembro, depois que este crescia e começava a secar, os lavradores realizavam o que chamavam de quebra do milho, e, junto com ele, plantavam o feijão.

O feijão, depois de 60 ou 90 dias do seu plantio, dependendo da variedade, deveria ser colhido do solo. Um trabalho bastante árduo para os lavradores, principalmente quando este está junto com o milho. O feijão também era amontoado para secar, levado à lona, no mesmo processo que o arroz, depois de batido com um *cambão*, instrumento feito pelos lavradores, que consistia em uma corrente dobrada junto com um pau, ou dois paus presos para bater no feijão; depois deste processo, o feijão podia ser armazenado pela família ou comercializado na zona urbana.

Em todas estas atividades a presença de crianças era constante especialmente de meninos e meninas com mais de oito anos de idade, todos depois da escola, pois geralmente estudavam na zona rural no período matutino, até as 11 horas, depois do almoço iam para a lavoura ajudar os pais. Algumas meninas cuidavam dos irmãos menores e também realizavam serviços da casa, como lavar e passar roupa usando o ferro a brasa.

Antônio Marques da Paz<sup>10</sup> que viveu sua infância na zona rural do sudoeste mato-grossense relata que começou a trabalhar na roça com oito anos de idade e realizava trabalhos de adultos como manusear a enxada para o plantio e colheita de feijão e café.

A mata da região do sudoeste de Mato Grosso também foi derrubada e queimada para a produção do café, técnica conhecida dos lavradores cujas famílias acompanhavam sua rota.

As lavouras de café foram, pouco a pouco, disputando espaço com a *lavoura branca*, embora não a tenha substituído.<sup>11</sup> Os lavradores geralmente reservavam espaço em suas propriedades para as lavouras de café, arroz, feijão e milho, além de pastagem para o gado.

O trabalho na lavoura do café era bastante árduo; do plantio à primeira colheita, o tempo é de, no mínimo, três anos. Uma família pouco numerosa necessitava da ajuda de outras pessoas para o trabalho. Desta forma, o dono da propriedade necessitava do trabalho de um meeiro<sup>12</sup>, que fornecia sua mão-de-obra na lavoura do café, cabia ao sitiante, ou seja, ao proprietário de pequena propriedade, fornecer ao meeiro, ferramentas, insumos e mudas de café para que a produção se efetivasse.

O sitiante e o meeiro, às vezes, moravam no mesmo sítio e, em alguns casos, o proprietário residia na cidade. O meeiro, quando morava no sítio, realizava a manutenção do cafezal. A remuneração do meeiro estava ligada à produção do café e também, em alguns casos, à produção de arroz, feijão ou outro cereal que pudesse produzir entre os pés de café ou em outro espaço cedido pelo proprietário. Em alguns casos, os meeiros tinham vacas leiteiras e suas mulheres e filhas fabricavam queijo e requeijão para o consumo familiar.

As famílias de meeiros geralmente construía suas casas próximas umas das outras, formando o que os lavradores denominam de colônia, e, nestas, aconteciam os ritos religiosos e as festas, bem como os casamentos e batizados; muitos lavradores tornaram-se compadres.

As crianças que viviam em colônias na zona rural utilizavam sempre o dia de domingo para suas atividades de lazer, inicialmente o domingo começava com o culto religioso católico na Igreja local, depois do almoço, o banho e as brincadeiras no rio eram uma constante e geralmente após a três horas da tarde o campo de futebol era a atração para todos, as crianças por sua vez sempre estavam de forma coletiva nos arredores do campo de futebol brincando e nos intervalos dos jogos dos adultos assumiam o espaço onde rolava a bola.

As meninas tinham alternativas para realizarem suas brincadeiras após o culto, como lembra Gecira da Penha de Jesus<sup>13</sup> ao falar sobre sua infância:

A hora de brincar era só no domingo, pela manhã a gente levantava e ia pra Igreja, ir a Igreja era sagrado quando voltava da Igreja, nós íamos brincar de casinha debaixo das árvores, e aí pegava sabugo, pano velho e ia fazer bonecas, latinhas de sardinhas e fazia carrinhos de bebê, brincava também de visitar comadres, fazia chá de capim que representava o café da tarde.

O lazer das crianças, especialmente das meninas eram quase sempre a imitação das atividades adultas, como a reprodução das atividades que as mulheres realizavam em seu lar, bem como, o comportamento que as mulheres tinham em sociedade, as conversas e as atitudes estabelecidas entre comadres.

O menino também reproduzia atitudes do mundo adulto, muitas eram as brincadeiras envolvendo reprodução como a criação de gado. Os meninos ornamentavam pequenas buchas (*luffa aegyptiaca*) com pedaços de madeira transformando-as em uma miniatura de bois e vacas.

O percurso geralmente distante da casa até a escola era realizado por caminhadas que envolviam brincadeiras como pega-pega, brincadeira de barata e até mesmo simples corridas que testavam a resistência de meninos e meninas. O espaço da roça, longe dos olhos do pai, também era em vários momentos usados como espaço de brincadeira. Brincar de esconde-esconde entre os pés de café é algo que está na memória coletiva de vários adultos que foram crianças no período em estudo.

A natureza sempre estava relacionada ao lazer das crianças, aproveitar rios, árvores, a chuva e a própria terra do quintal da residência era um componente do cotidiano de meninos e meninas da zona rural. Além de servir-se de abóboras, buchas, espigas de milho como reprodução de animais ou de bonecas. Deve-se destacar também que muitos meninos confeccionavam estilingues e ou arapucas para matar e ou para prender pássaros servindo em alguns casos para completar a dieta, reproduzindo também a atitude de caça dos adultos, atividade muito usada em regiões de colonização recente.

O trabalho com o *ouro verde* reproduz práticas de vida já realizadas pelas famílias em seus lugares de naturalidade ou procedência. Esta organização em prol do trabalho com o café vitaliza a zona rural e urbana, fazendo com que, nas localidades rurais, surgissem os espaços da oração e do lazer, enquanto que a cidade é movimentada pela efervescência dos produtos, principalmente do café produzido no campo, mobilizando as práticas comerciais.

A lavoura de café foi o espaço de trabalho para muitas crianças que utilizam parte ou todo o seu dia em todo o processo que esta lavoura necessitava, principalmente deixar os pés de café livre de matos. Meninos e meninas em idade escolar ajudavam na sobrevivência da família através do manuseio da enxada. Aos irmãos menores cabiam tarefas mais simples como levar o almoço e o café da tarde para a roça, e em alguns casos cuidar de outros irmãos menores quando as mães além das tarefas da casa também trabalhavam na lavoura.

O trabalho de crianças na zona rural era visto como uma atividade normal, muitos pais tentavam quando se tinha oportunidade de acesso à escola, de garantir aos filhos pelo menos a educação primária até a 4ª série, a única ofertada em salas multisseriadas<sup>14</sup> na zona rural, em sua grande maioria ministrada por professores leigos, que não tinham nenhuma formação secundária.<sup>15</sup>

As crianças por sua vez dividiam seu dia entre a escola e a lavoura, entretanto, muitas eram as que não tiveram acesso a escola e, portanto dedicavam-se como adultos em miniaturas ao trabalho no campo. É oportuno registrar que a Constituição de 1946 proibia o trabalho de menores de 12 anos e a de 1967 proibia para os menores de 14 anos, porém a prática de trabalho de crianças no campo era mais uma regra do que uma exceção.

Além do trabalho muitas crianças e adolescentes pelo não cumprimento conforme solicitação dos pais para realização dos trabalhos recebia severos castigos físicos, muitas vezes para as surras eram usados os próprios instrumentos de trabalho como cabos de enxada, rastelos e ou os chicotes usados para acoitarem os animais.

Desta forma, ao cruzarmos os dados das fontes escritas sobre a década de 1960 até meados da década de 80 do século XX que possibilita leituras das práticas de trabalho e lazer de crianças com os relatos orais, percebe-se apesar de um sentimento saudosista da infância uma população que sofreu uma segregação antecipada, impedida de participar ou de viver com mais dignidade no momento atual, pois embora tenha como eles mesmo afirmam uma *infância feliz*, foi lhes negado naquela fase da vida o acesso à educação formal que pudesse garantir uma vida adulta mais justa no campo ou na cidade.

---

<sup>1</sup> Segundo, JESUS, Antônio João. Os Umutina. IN: Dossiê- Índios de Mato Grosso . Cuiabá: OPAN/CIMI, 1987. Os Umutina são uma ramificação da grande nação Bororo, pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê e a família Otukê. Atualmente sua reserva é limitada pelo rio Paraguai e pelo rio Bugres, formando quase uma ilha fluvial, no município de Barra do Bugres – MT.

<sup>2</sup> COSTA, Romana Maria Ramos. *Cultura e contato: um estudo da sociedade Paresí, no contexto das relações interétnicas*. Rio de Janeiro, 1985. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Destaca que: “Os chamados Paresí se auto denominam Haliti. O termo pode ser traduzido tanto como ‘gente’ numa referência explícita ao gênero humano em oposição aos animais, quanto ‘povo’ para indicar uma identidade exclusiva do grupo.” p.52.

<sup>3</sup> Análise mais elaborada sobre a migração no Norte do Paraná pode ser conferida na dissertação de PERARO, Maria Adenir. *Estudo do povoamento, crescimento e composição da população do Norte Novo do Paraná de 1940 a 1970*. Curitiba, 1978. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

<sup>4</sup> COSTA, Iraci Del Nero da. PORTO, Cornélia Nogueira, NOZOE, Nelson Hideiki. *Movimentos migratórios no Brasil e seus condicionantes econômicos. (1872-1980)*. FIPE - Fundação Instituto de pesquisas econômicas. São Paulo: 1987.

<sup>5</sup> O café é uma planta dicotiledônea de porte arbustivo ou arbóreo de caule lenhoso, folhas persistentes e flores hermafroditas, pertencem ao gênero *coffea* da família rubiaceae da espécie arábica.

<sup>6</sup> RICARDO, Cassiano. *Marcha para o oeste* (a influência da “Bandeira” na formação social e política do Brasil) 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970 - v.2. p.623.

<sup>7</sup> KUNRAHT, José Aleixo. *Recenseamento*. Prelazia de Diamantino. Diamantino, 1966. Arquivo da Missão da Prelazia de Diamantino.

<sup>8</sup> Máquina manual usada para plantar arroz e milho.

<sup>9</sup> As qualidades de arroz usualmente plantadas em Tangará da Serra eram: bico-preto, bico-ganga, iac, iac2, amarelinho, amarelão, cana-verde e arroz-preto.

<sup>10</sup> PAZ, Antônio Marques da. Em entrevista para Ivani Maria Quirino dos Santos. Tangará da Serra, 19 abr. 2004.

<sup>11</sup> A lavoura branca para os lavradores tangaraenses é aquela em que o processo de planta e colheita é anual, como o arroz, feijão e milho, diferenciando-se da produção perene como a do café.

<sup>12</sup> COUTO, Osmair. *As relações trabalhistas durante o ciclo cafeeiro na região de Tangará da Serra nas décadas de 70 e 80*. Cuiabá, 1999. Monografia. (Especialização em Direito) Faculdade de Direito, Universidade Federal de Mato Grosso. Frequentemente, na fase inicial da ocupação até meados da década de 60, o meeiro iniciava o trabalho no sítio, na condição de empreiteiro. Na condição de meeiro, após a abertura e limpeza do terreno, era responsável inclusive pelos tratos culturais (fase entre o plantio e a primeira colheita). Geralmente estipulava-se que a partir do plantio até o quinto ano, toda a produção cabia ao meeiro ou porcentageiro, ex-empreiteiro. Do quinto ano em diante, fixava-se um percentual da produção do café, que predominantemente era de 50% para cada parte. Entre estas duas figuras, encontrava-se também o diarista ou volante. São aqueles trabalhadores que se deslocavam de uma fazenda para outra, de um sítio para outro, capinando ou colhendo café por empreitada, recebendo por dia de trabalho ou por saco de café colhido. Essa mão de obra auxiliar era trazida da cidade e circulavam em todas propriedades, colhendo café, que durava 90(noventa) dias.

<sup>13</sup> JESUS, Gecira da Penha. Em entrevista para Sandra Mara Lorenço Arcolezi. Tangará da Serra, 04 abr. 2004.

<sup>14</sup> Em uma sala multisseriada um professor apenas lecionava para várias séries no mesmo período, na mesma sala de aula.

<sup>15</sup> A falta de professores preparados para o magistério era uma prática nas regiões de colonização recente, apenas nos grandes centros estavam os professores habilitados conforme afirma GHIRALDELLI JR, Paulo. *Filosofia e história da educação brasileira*. Barueri: Manole, 2003. p.113.